



O local e o universal: literatura, identidade e memória em Mia Couto

The local and the universal: literature, identity and memory in Mia Couto

Maria Perla Araújo Morais¹

Resumo: Em *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, do escritor Mia Couto, a procura por um amor é um pretexto para se mergulhar no passado moçambicano e dele extrair um remédio-veneno contra a doença da memória. Da discussão do local da cultura, entretanto, surgem questionamentos que extrapolam os limites nacionais e inserem a obra desse moçambicano em um contexto mais amplo, tornando Moçambique um espelho do mundo.

Palavras-chave: Literatura, memória, oralidade, Mia Couto

Abstract: In Mia Couto's *Venenos de Deus, Remédios do Diabo*, the quest for love is an excuse to dive into the Mozambican past and to reap from it a medicine-poison against the disease of memory. The discussion of the local culture, however, raise questions that go beyond national boundaries and put the work of this Mozambican writer in a broader context, making Mozambique a mirror of the world.

Keywords: Literature, memory, orality, Mia Couto

O romance *Venenos de Deus, Remédios do Diabo*, as incuráveis vidas de Vila Cacimba, do moçambicano Mia Couto, começa com um título instigante aos olhares excludentes do pensamento ocidental. A junção de Deus e o Diabo a respectivamente “veneno” e “remédio”, no mínimo, desorganiza uma lógica de apreensão a que estamos acostumados. No subtítulo do romance, outro inesperado: a vida é incurável, como uma doença o é. A impossibilidade de cura, também comumente associada à morte, repete a desorganização inicial.

A história desse romance se passa em Vila Cacimba, uma região imaginária de Moçambique. Em Moçambique, a palavra “cacimba” quer dizer “nevoeiro”. De fato, em vários momentos da narrativa fala-se de uma nevoeiro espesso que inunda a vila, embaçando as percepções. A seguir, reproduzimos as passagens finais do romance em que a Vila é inundada pela neblina:

¹ Professora Adjunta de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Tocantins. Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

O português segue pela estrada esburacada como se flutuasse sobre as ondas de um rio. Lentamente, a savana vai desfilando, ondulante como líquidas labaredas. O médico espreita pelo vidro de trás, mas a Vila deixou de ser visível. Uma espessa neblina a tornou interdita a olhares e lembranças. Há nessa poeira o sabor de um tempo suspenso. Como se a viagem de Sidónio não tivesse nem partida nem chegada. (COUTO, 2008, p.187)

Esse mesmo nevoeiro se expande para o texto, embaçando as histórias e se constitui em um elemento estruturante da narrativa. O título é um bom momento em que observamos isso: depois de lê-lo mergulhamos num estado hesitante, em que é sugerido um olhar pela segunda vez sobre Cacimba.

Portanto, o que se anuncia no título se configura num modo mesmo de o texto se organizar. Cacimba não é só uma região criada como ambientação do romance; é a própria estratégia de construção do romance. O nevoeiro toma corpo e ganha voz nas vidas de Vila Cacimba.

Para a desorganização inicial, o estranhamento dos venenos de Deus e dos remédios do Diabo, duas lembranças oportunas: a primeira, de Jacques Derrida, em seu texto *A farmácia de Platão*; e a outra, de Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*. Derrida reflete sobre como administrar o *pharmakón*, entendido, no seu texto, como a escrita, remédio para a perda da memória oral, mas veneno porque causa o parricídio da fala.

Em *Fedro*, de Platão, diz o filósofo francês, encontramos o mito de Theuth. Theuth era um semideus que primeiro descobriu o cálculo, a geometria, a astronomia e os caracteres da escritura. Ofereceu a Thamous, rei do Egito, uma forma de o rei se comunicar para muitos, um conhecimento que faria com que os egípcios se tornassem mais instruídos e mais eficazes na arte da rememoração: a escrita. (DERRIDA, 2005, p.21)

O rei a recusa, a rejeita, porque suspeita dos malefícios desse presente. A especificidade da escritura é o motivo para esse abandono. A escrita institui o parricídio da fala. Esse parricídio é responsável pela errância da escrita, pois “só um discurso 'vivo', só uma fala (...) pode ter um pai”

(DERRIDA, 2005, p.23). Diferente da escrita, a fala aparece viva “o bastante para protestar quando for o caso e para se deixar questionar”. (DERRIDA, 2005, p.23)

A literatura de Mia Couto é a permanência possível da memória através da escrita. É um remédio envenenado contra a diluição da memória e da fala através do tempo.

Já com relação à *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, lendo esse romance como uma alegoria do sertão, constatamos como “Viver é negócio muito perigoso” (ROSA, 1986, p.3). Nas veredas do grande sertão pode existir tudo, até diabo, mas principalmente “homem humano”. Atravessar as veredas da narrativa rosiana por meio do narrador Riobaldo é algo tão “difícil” quanto o sertão. É que o narrado mesmo mistura-se com o narratário e um se espelha no outro, como uma coisa dentro da outra. Por fim, o sertão extrapola os limites da escrita e os limites físicos de uma região nacional: o sertão é o mundo e está em toda parte.

Também somos Vila Cacimba, de Mia Couto, como somos os sertanejos de Guimarães Rosa. Porque as vidas incuráveis dessa vila também podem ser nossas chagas incuráveis, se formos seguir as lições rosianas. Mas, ao mesmo tempo, Vila Cacimba é ela própria, como uma maneira de se afirmar frente a uma avalanche de esquecimentos, que é o passado moçambicano. Talvez essa desorganização inicial seja uma maneira de sobreviver ao esquecimento através da escrita, esse veneno e remédio para a memória.

O romance conta a história de um português, Sidónio Rosa, suposto médico, que resolve viajar para uma imaginária região da África, Vila Cacimba, a fim de encontrar Deolinda, por quem se apaixonara em Lisboa. Chegando lá, o Administrador da Vila, Alfredo Suacelência, lhe outorga a função de médico do posto local, já que na vila havia um surto de uma doença que deixava os “homens enlouquecidos” (COUTO, 2008, p.10). O português mantém uma relação muito próxima com os pais de Deolinda, Dona Munda e Bartolomeu Sozinho, porque este último encontra-se doente. O casal diz receber cartas da filha, Deolinda, que, segundo eles, estava fora fazendo um curso.

Essa é a história visível. Talvez um remédio para curar a preocupação

de Sidónio ou um remédio para curar a vida dos Sozinhos (que ficam imaginando esse enredo com a filha Deolinda) ou, por fim, uma cura, para nós, leitores, que queremos uma narrativa linear e às claras. Nesse sentido, vemos no início a maneira de o português se portar na Vila: sempre procura se tranquilizar ao administrar em si mesmo o remédio da história visível:

- Então, o nosso Bartolomeu está bom?
- Está bom para seguir deitado, de vela e missal...
- (...) O médico acredita não ter entendido. Ele é português, recém-chegado a África. Refaz a questão. (COUTO, 2008, p.9)

Esses dois tempos que Sidónio atravessa, o tempo da fala e da sua reelaboração, é sintomático no texto porque muito recorrente. Vão, aos poucos, mostrando que ali nem tudo o que se ouve ou se fala gera comunicação em detrimento à tranquilização a que o português aspira.

Mia Couto, em uma conferência intitulada “Línguas que não sabemos que sabíamos” (2008), reflete sobre esses desencontros culturais:

Nem sempre as palavras servem de ponte de tradução desses mundos diversos. Por exemplo, conceitos que nos parecem universais como Natureza, Cultura e Sociedade são de difícil correspondência. Muitas vezes não existem palavras nas línguas locais para exprimir esses conceitos. Outras vezes é o inverso: não existem na língua europeias expressões que traduzem valores e categorias das culturas moçambicanas. (COUTO, 2011, p.16)

O que provavelmente ajuda nessa tradução da vila é o uso da língua portuguesa como mediadora do entendimento. Além disso, por causa da colonização portuguesa até 1975, Moçambique é considerada durante bom tempo na narrativa como velha conhecida de Sidónio. Mas, assim como o título, a Vila Cacimba está debaixo do nevoeiro e o português constantemente se confronta com a falta de comunicação. Vejamos algumas passagens em que há esses desentendimentos:

- Perguntava eu, Dona Munda, sobre o seu marido..

- Está muito mal. O sal já está todo espalhado no sangue.
-Não é sal, são diabetes.
-Ele recusa. Diz que se ele é diabético, eu sou diabólica.
(COUTO, 2008, p.9)
(...)
As vezes chama-lhe fulano, outras, reduz o nome do marido para Barto. Agora, rosto espalmado na madeira, a mão de Munda sacode o trinco. Por fim, o homem se faz escutar:
-Por quê?
Desde que ali chegou, Sidónio Rosa vem estranhando muita coisa. Por exemplo, agora: a pergunta devia ser “quem é” (COUTO, 2008, p.10-1)
(...)
-É verdade que o seu marido saiu sete vezes de casa?
-Eu não conto as saídas. Conto só as vezes que ele voltou...
-Está certo.
-E lhe digo, Doutor: não fique a perder. Porque ele voltou mais vezes do que saiu.
-Bom, há maneiras curiosas de fazer contas...
-Para mim, o meu marido me chegou sempre multiplicado.
(...)
-Desculpe a curiosidade, são motivos profissionais, mas nessas sete saídas não houve registro de doenças que ele tivesse apanhado?
-Ele partia já doente, o partir era mesmo a doença dele.
(...)
-Desculpe, Dona Munda, não me intrometo nessas coisas. Mas eu sou médico, preciso saber de doenças passadas. Incluindo, devo dizer, as doenças venéreas.
-Meu marido sempre me foi fiel. Ele dormiu com outras mas nunca me traiu.
-Desculpe, não entendo.
-Quando ele foi infiel, eu fui infiel junto com ele.
-Continuo sem entender. (COUTO, 2008, p.32-3)

Tirando seus influxos de um saber popular, fundado na oralidade e no mito, a conversa de Dona Munda subverte a ordem de causa e consequência e a temporalidade em que está baseado o discurso médico do português Sidónio. Dessa forma, falar português ali não é garantia de comunicação. Vila Cacimba é irredutível a uma tradução aos moldes de um português.

É o próprio Mia Couto que nos explica essa dimensão “reduzora” a que a língua pode ficar circunscrita. É essa dimensão que aparece no discurso de

Sidónio:

Vivemos dominados por uma percepção redutora e utilitária que converte os idiomas num assunto técnico de competência dos linguistas. Contudo, as línguas que sabemos – e mesmo as que não sabemos que sabíamos – são múltiplas e nem sempre capturáveis pela lógica racionalista que domina o nosso consciente. Existe algo que escapa à norma e aos códigos. Essa dimensão esquiva é aquela que a mim, enquanto escritor, mais me fascina. (COUTO, 2011, p.14)

Esse tratamento peculiar à língua, e mais especificamente, à língua portuguesa é um projeto que se estende ao longo da obra de Mia Couto. Relaciona-se intrinsecamente a uma consciência da condição pós-colonial de Moçambique, que adotou como língua oficial o Português, após sua independência. Embora, portanto, tenha assumido a língua do ex-colonizador, Mia Couto a subverte, como uma maneira de se afirmar nesse espaço limítrofe entre não ser português e ser moçambicano. O escritor reflete sobre esse processo não apenas na sua obra, mas em relação à apropriação do português pelos moçambicanos: “(...) a grande maioria entende e fala português inculcando na norma portuguesa as marcas das culturas e raiz moçambicana”. (COUTO, 2011, p.15)

Interessante que em alguns momentos a própria língua é recriada, demonstrando uma força demiurga nas narrativas desse moçambicano e apontando para o potencial inventivo desse encontro de culturas:

Parecia uma coisa passageira. Que o amor acontece para a gente desacontecer. (COUTO, 2008, p.38)

-Isto, meu caro Sidónio, não é amar: é amardiçoar. (COUTO, 2008, p. 97)

-Eu sonhava ser mecânico, para consertar o mundo. Mas aqui para nós que ninguém nos ouve: um mecânico pode chamar-se Tsotsi?

-Ini nkabe dziua.

-Ah, o Doutor já anda a aprender a língua deles?

-Deles? Afinal, já não é a sua língua?

-Não sei, eu já nem sei...

O português confessa sentir inveja de não ter duas

línguas. E poder usar uma delas para perder o passado. E outra para ludibriar o presente.

-A propósito de língua, sabe uma coisa, Doutor Sidonho? Eu já me estou a desmulatar.

Exibe a língua, olhos cerrados, boca escancarada. O médico franze o sobrolho, confrangido: a mucosa está coberta de fungos, formando uma placa esbranquiçada.

-Quais fungos? – reage Bartolomeu.- Eu estou é a ficar branco de língua, deve ser porque só falo português...

O riso degenera em tosse e o português se afasta, cauteloso, daquele foco contaminoso. (COUTO, 2008, p.110-1)

Assim, a recriação do espaço espoliado pela colonização acontece ao mesmo tempo em que há uma recriação da língua, e espaço e linguagem constroem-se conjuntamente, como se um fosse fundado no outro.

A língua portuguesa assemelha-se a um *phármakon*, remédio para a morte da memória de tempos imemoriais (a cultura e saber moçambicanos que fundamentam-se, sobretudo, na oralidade e nos sistemas de pensamentos da ruralidade), mas veneno porque, ao mesmo tempo, também é devedora do saber colonial, fundamentado principalmente na escrita e sua perspectiva, redutora, pragmática e excludente. Envenenada, a língua é um difícil remédio que não cura nem os possíveis pais de Deolinda, nem o médico Sidónio, nem ninguém na Vila Cacimba. Mas, da maneira como é utilizada ao longo do texto, ela remedia. O remédio vem desse aspecto de identificação e, ao mesmo tempo, estranhamento. Rico, múltiplo, vivaz, é assim cada diálogo do romance. Cada lance de frases é pelo menos dois, ao longo do texto.

As narrativas entrecruzadas de desencontros e desentendimentos vão construindo Vila Cacimba a partir da palavra, mais precisamente, do português, e, aos olhos de um europeu, tudo parece não ter significação alguma, todos parecem enlouquecidos:

-Essa doença misteriosa que se espalhou por aqui: o senhor já tomou providências?

-Eu acho que se trata de meningite.

-É uma doença, digamos, encomendável?

-Não entendo.

-Pergunto se alguém...digamos, um inimigo político,

poderia ter encomendado.

-É uma doença que ocorre sobretudo nas pessoas que se concentram em recintos fechados. É por isso que os soldados são mais atingidos....

-As pessoas pensam que é mau-olhado.

-As pessoas não pensam.

Suacelência adivinha a retórica do europeu. Ergue o braço autoritário, mas abre mão à paciência para que o estrangeiro entenda.

-Pode ser doença. Mas doença que provoca convulsões, aqui, em Cacimba, passa a ser outra coisa. (COUTO, 2008, p.68-9)

Episódios como esse explicitam que “os pensamentos da ruralidade africana não são facilmente redutíveis às lógicas dominantes da Europa.” (COUTO, 2011, p.20). A esse respeito, Mia Couto, em uma conferência a que já aludimos, relata episódios em ele mesmo presenciou paradoxos e desencontros de comunicação:

Em 1989, fazia pesquisa na Ilha da Inhaca quando desembarcou nessa ilha uma equipe de técnicos das Nações Unidas. Vinham fazer aquilo que se costuma chamar de “educação ambiental”. (....)

Na primeira reunião com a população surgiram curiosos mal-entendidos que revelam a dificuldade de tradução não de palavras mas de pensamento. No pódio estavam os cientistas que falavam inglês, eu, que traduzia para o português, e um pescador que traduzia do português para a língua local, o chidindinhe. (...) “Somos cientistas”, disseram eles. Contudo, a palavra “cientista” não existe na língua local. O termo escolhido pelo tradutor foi *inguetha*, que quer dizer feiticeiro. (...) O sueco que dirigia aquela delegação (...) anunciou o seguinte: “Vimos aqui para trabalhar na área do Meio Ambiente”. (...)

Ora, a ideia de Meio Ambiente, naquela cultura, não existe de forma autônoma e não há palavra para designar exatamente esse conceito. O tradutor hesitou e acabou escolhendo a palavra *Ntumbuluku* que quer dizer várias coisas mas, sobretudo, refere uma espécie de Big Bang (....) (COUTO, 2011, p.16-7)

Com a máxima de que todo relato é pelo menos dois, no romance, mergulhamos na cacimba, e o que vemos são narrativas se distorcendo em

versões diferentes, formando uma difícil imagem. Dessa forma, o remédio das narrativas iniciais do livro vão perdendo sua eficácia e os personagens vão se envenenando com suas histórias. Aos poucos, entendemos que Sidónio não é médico. O português visita os Sozinhos por interesse em Deolinda. Já Deolinda não manda carta alguma para ninguém, porque, ao que parece, está morta. Ela também não é filha dos Sozinhos, antes é cunhada de Bartolomeu. Bartolomeu era interessado no passado colonial (já que era mecânico do navio Infante D. Henrique), porque, por causa das viagens de navio, visitava constantemente em Portugal sua filha Isadora.

Já Munda não se aproxima de Sidónio apenas como possível mãe de Deolinda, mas com interesse amoroso. Embora durma ao pé da porta de Bartolomeu, Munda o traía com Suacelência. O administrador de Vila Cacimba, ao que parece, teria um caso com Deolinda e com Munda.

Todos os personagens e histórias são, por assim dizer, envenenados, porque nenhum é só aquilo que aparenta ser. Tudo é tão complexo que reducionismos aqui são sempre um engano. Nem mesmo Alfredo Suacelência, caricatura do administrador obtuso e mesquinho, é só aquilo que vemos inicialmente (nesse sentido, é rica a estratégia de se recorrer a um estereótipo para desconstruí-la). Em alguns momentos, beira o cômico pelo desconhecimento de uma retórica progressista da qual se serve sem nem ao mesmo saber o que significa:

-Quero um remédio, doutor.

-Um remédio? Pode ser mais específico?

Não era, como pensou o clínico, um afrodisíaco. Solicitava um produto para a eliminação radical da transpiração. Não um desodorizante; um anulador definitivo de suores. Ele queria-se desglandular.

-O suor é um efeito dos pobres. E nós, meu caro Doutor, estamos a combater a pobreza, não é verdade? (COUTO, 2008, p.44)

Acreditamos que toda a Vila está sob um nevoeiro textual, que espessa e se dissipa, e, por isso, sempre deixa em dúvida quem tenta se enveredar por ela. Sobre o nevoeiro, temos em *Mensagem*, de Fernando Pessoa:

Ninguém sabe que coisa quere.
Ninguém conhece que alma tem,
nem o que é mal nem o que é bem.
(...)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro... (PESSOA, 2006, p. 83)

Em Vila Cacimba, o nevoeiro nos sinaliza para o fato de que qualquer significação simplista dali gera engodo. Mia Couto institui a rasura do dado, do prévio, do certo. Ali, “tudo é incerto e derradeiro”. O dado cultural português demonstra mais uma vez como as duas nações estão entrelaçadas.

Mia Couto trabalha os espólios da guerra para que Moçambique complete sua independência (25 de junho de 1975) e independência não quer dizer isolamento. Depois da independência moçambicana, recorreram-se a alguns equívocos, dentre eles a ideia da FRELIMO (Frente pela Libertação de Moçambique) de culpar as relações tradicionais como legitimadoras da ignorância e opressão. Para a FRELIMO, o conhecimento e as práticas tradicionais sujeitavam as pessoas à pobreza, tornando-as mais resistentes às mudanças e perpetuadoras do retrocesso. A sociedade moderna em Moçambique, portanto, seria construída não por esse modelo de homem, ligado às estruturas e pensamentos tradicionais, mas principalmente por um “homem novo”:

A proposta identitária da FRELIMO se consubstanciava no projecto da “criação do homem novo”. O modelo projectado repudiava o “colonial”, o “tradicional” e o “homem novo” de Gilberto Freyre, preconizando a gradual convergência das identidades dos diferentes grupos etnolinguísticos numa realidade “modernizadora”. Pensava-se que a deslocação estrutural criada pela incorporação nas forças guerrilheiras e na organização do movimento nacionalista, com a implícita desestruturação das principais referências tradicionais (ritos, símbolos, relações de parentesco, hierarquia linhageira, etc.), representaria uma ocasião rara para que a multiplicidade de que os militantes eram portadores se reorganizassem, por meio da prática e da educação científicas, nos valores nacionalistas, nos rituais militares, nos símbolos

patrióticos, nas relações interpessoais de solidariedade e camaradagem, na hierarquia e organização que a guerra impunha. (CABAÇO, 2009, p.304-5)

É claro que, dentre as práticas tradicionais, a FRELIMO elaborava uma seleção, distinguindo entre as consideradas reacionárias (mutilações, sofrimentos físicos, situações discriminatórias,...) e as que deviam ser valorizadas (os sistemas de produção e troca, o valor social do parentesco, a produção criativa artística).

Mesmo essa distinção, não foi capaz de salvar do desastre o projeto do “homem novo”. Um dos resultados desse projeto (aliado a diversos fatores de ordem econômica, social e política) foi a guerra civil por mais de 16 anos e um milhão de mortos. O tempo performático do povo e suas estruturas tradicionais eram o principal obstáculo que o tempo pedagógico da FRELIMO teria que enfrentar (CABAÇO, 2009, p.310)

Depois do conflito civil, a pluralidade, a diferença cultural passou a ser reconhecida e respeitada. Porém conciliar esses dois mundos ainda é um trabalho árduo em Moçambique, sobretudo quando um interfere diretamente no outro. Um exemplo disso são as práticas de nomadismo e os ritos de iniciação que, de certa forma, estão relacionadas à questão da escolarização.

Algumas comunidades em Moçambique têm por costume a mudança constante de lugar em busca de terras melhores para a produção agrícola. Do ponto de vista governamental, essa prática não é nenhum pouco econômica ou produtiva, já que o governo investe em infraestrutura de regiões remotas (como a construção de escolas ou fontes de água) para depois serem abandonadas. Sem contar o fato de que as casas construídas com o fim nômade não oferecem uma vida estável às crianças. O nomadismo estaria também relacionado a conflitos entre as comunidades:

Em relação ao nomadismo, Vicente Mulumba, funcionário da secretaria distrital, disse que este fenómeno pode ter algo a ver com a procura de terras férteis, mas também existe outro factor que tem sido maior causador do nomadismo como, por exemplo, os conflitos internos por causa de disputas de liderança entre linhagens. Pelo facto de as comunidades Yao, que habitam o distrito,

serem de linhagem matrilinear, os conflitos de liderança são constantes e, depois de tantas guerrinhas internas e quando não se chega a consenso entre as partes desavindas, as comunidades dividem-se e cada líder com sua gente procura um outro lugar para se fixar. (MACUA, 2011, s.p.)

Quanto aos ritos de iniciação, no distrito de Mecula, as meninas se afastam da escola no período letivo durante um ou dois meses. Agravando essa situação, também encontramos a evasão escolar no mesmo distrito porque as crianças são obrigadas a abandonarem o sistema educacional para aprenderem o alcorão. Outro dado importante, e que mostra o confronto das práticas tradicionais com o mundo moderno, são os arranjos de casamentos. Muitas crianças também saem da escola para casar-se prematuramente.

A retórica da convivência desses dois mundos aparece nas palavras da primeira-dama Maria da Luz Guebuza: “(...) não estamos a proibir que as crianças aprendam o alcorão, mas o que pretendemos é que a educação formal nacional seja prioritária”. (MACUA, 2011, s.p.) Guebuza insiste que a prioridade das crianças deveria ser a educação formal e que práticas como os ritos de iniciação podem permanecer, mas poderiam se adequar ao calendário escolar.

A literatura de Mia Couto tem como projeto a permanência desse saber de origem tradicional, mas que comunga com o dado moderno, o mundo moderno. Essa questão é urgente em Moçambique, mas poderia ser em outros lugares na medida em que “em todos os continentes cada homem é uma nação feita de diversas nações.” (COUTO, 2011, p.23) No caso de Mia Couto, a nação “submersa e secundarizada pelo universo da escrita” é a oralidade. (COUTO, 2011, p.23) Assim, sua escrita é invadida pelo saber tradicional, rural, fundado numa inventividade própria do universo oral. É esse diálogo que Sidónio, o português, não consegue acompanhar.

Como sobreviver à vida é uma pergunta cuja resposta todos os personagens do romance tentam descobrir. Por fim, fica o reconhecimento da legitimidade das histórias entrelaçadas que compõem Moçambique e a abertura para o sonho, o devaneio, o delírio, a invenção, já que o passado, por

vezes, é tão distante que ninguém sabe se sua memória é verdadeira ou falsa. Os personagens do romance deliram na língua, porque a realidade é muito mais complexa do que se pode imaginar ou traduzir, ou porque simplesmente a realidade é muito dolorosa. Por isso a epígrafe de Mário Quintana abre o livro: “A imaginação é a memória que enlouqueceu.” (QUINTANA apud COUTO, 2008, p.7) Não há, pois, julgamentos nas histórias desencontradas de Cacimba. Todas são relatos de sobrevivência à dor. No fundo, todos estão muito sozinhos, órfãos:

Poucos e desamparados, partilhando secretas cumplicidades e sofrendo de um mesmo sentimento de orfandade. A cultura que os criou está longe, noutra tempo, noutra universo. A mentira é o único remédio que lhes resta contra essa solitária lonjura. (COUTO, 2008, p.147-8)

Em Vila Cacimba, Sidónio confronta-se com os limites de seu entendimento de Moçambique. Confronta-se com um presente múltiplo, já que o passado é uma memória por vezes inventada. Mas essa situação, latente em territórios africanos, não é exclusividade desse continente. É nesse sentido que à africanidade os textos de Mia Couto nos inserem na universalidade. No romance estamos diante de um desfile de “dores humanas”.

O romance de Mia Couto se estrutura, portanto, a partir de uma releitura desafiadora da complexas trocas culturais entre duas nações: Portugal e Moçambique. Por isso, é oportuno uma última palavra sobre esse livro. Sidónio é anagrama de Dioniso (Dionísio ou Baco), deus do vinho, das festas, da insânia. Esse deus incita a loucura e a desordem nos lugares por que passa. (BULFINGH, 2006, p.162) Em *Os Lusíadas*, de Camões, Baco é o principal antagonista dos portugueses, na viagem de Vasco da Gama às Índias. Finge, mente e provoca a guerra contra os portugueses nas costas africanas, porque teme que seu culto nas terras orientais seja afetado pelo cristianismo de Portugal. Observamos no poema épico de Camões a fala de Baco, revelando seu plano de “fabricar enganos” para que os portugueses não cheguem às Índias:

Não será assi, porque, antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado
Que nunca veja as partes do Oriente
eu descerei à Terra e o indignado
Peito revolverei da Maura gente,
Porque sempre por via irá direita
Quem do oportuno tempo se aproveita.

Isto dizendo, irado e quase insano,
sobre a terra africana descendeu.
Onde, vestindo a forma e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveu;
E, por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sábio e co'o Xequê mui valido. (CAMÕES, 2003,
Canto I, p. 26)

No romance de Mia Couto, Sidónio é enleado pela Cacimba. Não faz delirar, mas ele próprio delira para entender a Vila. O remédio de outrora para a manutenção do culto de sua memória (os enganos, os delírios, a loucura) transformou-se em seu próprio veneno.

A resistência de Vila Cacimba situa-se nesse estado hesitante, nessa configuração vacilante, nesse clima nebuloso. Se não legitimarmos isso, a Vila mergulha inteiramente no silêncio, rodeada pelas flores do esquecimento, os beijos-da-mulata, que encerram a narrativa.

Bibliografia

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**. Trad. David Jardim. 34 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique; identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: UNESP, 2009.

CAMÕES, Luiz Vaz de. **Os Lusíadas**. In: _____. **Luís de Camões; Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

COUTO, Mia. **Venenos de Deus, remédios do Diabo: as incuráveis vidas de Vila Cacimba**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **E se Obama fosse africano? e outras interinvenções**. São

Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. Trad. Rogério da Costa. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

MACUA WEBLOG. Nomadismo e ritos de iniciação impedem crianças de frequentar a escola. Disponível em : <http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2011/12/nomadismo-e-ritos-de-inicia%C3%A7%C3%A3o-impedem-crian%C3%A7a-de-frequentar-a-escola.html> Acesso em 21 de abril de 2012.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. In: _____. **O eu profundo e os outros eus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.